

ARTIGOS

MIGRAÇÃO, MEMÓRIA E TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS DA MICRORREGIÃO DE AIMORÉS/MG1

Sandra Nicoli²

Patrícia Falco Genovez³

Sueli Siqueira⁴

RESUMO: A migração traz em seu cerne um processo de desterritorialização e reterritorialização. Diversos recursos podem ser utilizados para a compreensão desse processo. Neste artigo, será dada preferência aos aspectos vinculados à memória e à narrativa, coletadas por meio da metodologia da História Oral. A partir desses pressupostos, buscaremos considerar a experiência migratória de descendentes de imigrantes italianos na microrregião de Aimorés/MG. A chegada desses primeiros migrantes aconteceu no início do século XX e promoveu uma nova configuração do território da microrregião de Aimorés, com a inserção de novas técnicas de manejo da terra, novos costumes e valores. Para a realização deste artigo foram utilizados seis relatos orais com descendentes de migrantes italianos entre 54 e 94 anos de idade residentes na região.

¹ Este estudo faz parte da pesquisa que está sendo realizada na Microrregião de Aimorés/MG sobre a presença italiana em Minas Gerais, sob orientação das professoras Dra. Sueli Siqueira e Dra. Patrícia Falco Genovez.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – Univale.

³ Professora do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território/Univale-PMGV. Doutora em História (UFF).

⁴ Professora do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território/Univale-PMGV. Doutora em Sociologia e Política (UFMG).

PALAVRAS-CHAVE: Território. Memória. Migração italiana.

ABSTRACT: Migration brings in its nutshell a desterritorialization and reterritorialization process. One can use many tools in order to understand this process. Here in this article memory and narrative are the main traits that were put together via oral history methodology. From this stand point Italians migrant experiences are on stake here, having in mind mainly Aimorés (Minas Gerais Brazilian state district) area. Italian migrants arrive to there early in the XXth Century and of course this change all territorial configuration in this district since then: new agrarian technologies, new cultural practices and values. One finds here six oral narratives coming from Italian immigrants descendents that are until now living in this realm whose age range from 54 to 94 years old.

KEY WORDS: Territory. Memory. Italian migration.

Introdução

Os processos migratórios são por excelência fenômenos complexos cuja correta compreensão requer o aporte de diferentes áreas do conhecimento. Eles trazem em seu cerne amplos e complexos processos de desterritorialização e reterritorialização. Diversos recursos podem ser utilizados para a compreensão desses processos. Neste artigo, será realçado os aspectos vinculados à memória e narrativa. A partir desses pressupostos buscaremos considerar a experiência migratória de descendentes de imigrantes italianos na microrregião de Aimorés/MG.⁵

⁵ A microrregião de Aimorés faz parte da mesorregião do Vale do Rio Doce e é composta por treze (13) municípios sendo eles: Aimorés, Alvarenga, Conceição de Ipanema, Conselheiro Pena, Cuparaque, Goiabeira, Ipanema, Itueta, Mutum, Pocrane, Resplendor, Santa Rita do Itueto, Taparuba. Neste artigo abordaremos somente os municípios de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto, pois verifica-se maior presença de descendentes de imigrantes italianos.

Ressaltamos que, dada a dramaticidade que envolve tais processos, há uma necessidade latente de migrantes os narrarem. A narrativa, neste sentido, pode ser compreendida como um momento de elaboração da experiência do deslocamento / desenraizamento através da fala: um recurso simples, comum e democrático. Esse processo de elaboração dá conta de diversas necessidades e, em muitos casos, pode ser um percurso elaborativo relacionado a uma experiência traumática que, em maior ou menor grau, sempre se encontra presente num processo migratório. Assim, ao mesmo tempo em que pode recuperar a própria história do narrador, reafirma a importância da memória e uma dada dimensão psicológica inerente à experiência de migração que envolve sentimentos, tais como: angústia, medo, incerteza e saudade, que convivem com a esperança e a expectativa de um recomeço.

Esta convergência da memória com a narrativa contribui, neste sentido, para que venham à tona os inúmeros processos de subjetivação. Em outras palavras, quem narra, reconfigura os eventos e os redimensiona no tempo e no espaço. Portanto, retratar a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos na microrregião de Aimorés, sem recorrer aos conceitos de história, memória e território, é praticamente impossível.

Assim, levaremos em consideração que a memória se traduz num esforço que recupera a história vivida revestida enquanto experiência humana de uma dada temporalidade. É possível vislumbrarmos que essa percepção de história vivida pode distanciar-se da história compreendida enquanto campo de produção de conhecimento, espaço de problematização e de crítica. Contudo, é inegável o enriquecimento obtido com essa aproximação entre a história vivida e a história do campo de conhecimento.⁶

Em outras palavras, a memória afirma-se diferentemente, tanto da História quanto das Ciências Sociais e pode contribuir com ambas, uma vez que proporciona diferentes cruzamentos:

⁶ PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*, n. 17, 1998, p. 203-211.

entre passado, presente e futuro; entre o tempo e o espaço; entre o monumento e o documento; entre o material e o simbólico; entre identidades e projetos. Dessa forma, a memória pode ser apropriada como crucial porque nela “se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção (...); história e ficção; revelação e ocultação”⁷, e porque não acrescentarmos a relação entre dor e alegria. Em suas operações com o tempo, a memória ultrapassa o tempo individual e torna-se um eficaz instrumento para o registro não só do cotidiano, mas também “das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo (...), memórias individuais e coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico”.⁸

Essa história vivida possui suas âncoras no tempo e, principalmente, no espaço. Numa perspectiva mais ampla, a Geografia Cultural, busca compreender os grupos e indivíduos que se organizam no espaço e modelam os ambientes.⁹ Ao longo do percurso que significa o espaço e o transforma em território, a memória se torna uma importante chave de leitura uma vez que favorece o acesso à subjetividade que permeia os sentidos da experiência humana¹⁰ em sua relação com o ambiente. Ela também nos permite uma aproximação das percepções, perspectivas e afetividades que envolvem grupos, indivíduos e a maneira como

⁷ NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org.). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998. p. 218.

⁸ DELGADO. Lucília de Almeida N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidade. *História Oral*, 6, 2005. p. 19.

⁹ CLAVAL, Paul. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. (Org). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001. p. 42.

¹⁰ Estamos utilizando um conceito amplo que vai além da prática e reconstrói a própria identidade.

estes constituem suas identidades e seus territórios.¹¹ O território é compreendido, neste contexto, segundo a perspectiva teórica de Haesbaert e Limonad, que o considera como apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque político-econômico) de um espaço socialmente compartilhado.¹² Assim, território é compreendido como uma construção histórica e, portanto, social a partir das relações de poder, envolvendo sociedade e espaço geográfico. Em suma, o espaço torna-se território por meio de uma apropriação e/ou dominação.

No entanto, esse processo encontra-se permeado por territorialidades, entendidas como estratégias geográficas para controlar a dinâmica de pessoas, fenômenos e relações. Assim, territorialidade pode ser compreendida como formas através das quais os grupos sociais se apropriam do espaço. Ou seja, em meio ao processo de constituição de territorialidades as identidades se configuram e se manifestam ao longo dos anos.¹³

Portanto, trabalhar estes conceitos em relação ao fenômeno migratório de italianos do final do século XIX e início do XX para o Brasil é essencial para a compreensão do território enquanto espaço vivido e constituído por imigrantes e descendentes. Para tanto, abordaremos na primeira parte o processo histórico deste fenômeno, apresentando em linhas gerais o fenômeno da imigração italiana para o Brasil, mais especificamente aquele voltado para o Espírito Santo. Na segunda parte, trabalharemos a migração de italianos e seus descendentes para a microrregião de Aimorés e na última parte abordaremos o processo de configuração deste território a partir da memória de alguns descendentes que lá se encontram nos dias atuais.

¹¹ Ibid., p. 40 a 43.

¹² HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas*. Número 2(4), vol.1. Agosto de 2007. Disponível em http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf. Acessado em outubro de 2010.

¹³ Ibid.

O fenômeno migratório no Brasil e os italianos no Espírito Santo

Enquanto mobilidade populacional, o fenômeno migratório não é um fenômeno recente. Os deslocamentos de populações sempre existiram na história da humanidade. O Brasil, desde o século XVI, se estabeleceu como um importante cenário onde se processou de forma intensa o fenômeno das migrações internacionais e os deslocamentos populacionais ocorridos, posteriormente, em grande escala, dadas as necessidades de mão de obra e ocupação territorial.¹⁴ Foi por meio deste amplo fenômeno que se formou a população e a cultura brasileira. No processo de colonização, visando a apropriação militar e econômica da terra, os portugueses tiveram destaque e exerceram sua territorialidade com mais vigor que outros grupos que se encontravam no novo território do Império português de além-mar.

Vainer realça que o estado brasileiro conseguiu conduzir a transição ao trabalho livre através de uma dispendiosa, sistemática e complexa intervenção que envolvia propaganda, recrutamento, embarque, acolhida e distribuição de imigrantes.¹⁵ Neste contexto, na segunda metade do século XIX, tem início a imigração europeia em grande escala, da qual se destaca a imigração italiana, iniciada por volta da década de 1860. Os italianos inicialmente migraram dentro do próprio continente europeu e, posteriormente, partiram para o continente americano, principalmente, Estados Unidos da América, Argentina e Brasil. Para Busato, os italianos abandonavam a própria terra por não terem esperança e por não projetarem um futuro promissor. Em cores fortes, o autor salienta: “Quem deixa a pátria onde nasceu por causa da pobreza, da

¹⁴ FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). *O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa* (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Ver especialmente os capítulos 4, 5 e 10.

¹⁵ VAINER, Carlos B. Estado e Migrações no Brasil: Anotações para uma história das políticas migratórias. *TRAVESSIA – Revista do Migrante*/Janeiro-Abril, São Paulo, 2000.

fome, das guerras e da miséria coletiva é porque foge do inferno, e procura encontrar o paraíso noutra lugar”.¹⁶ Neste sentido, várias foram as razões para que os italianos deixassem sua terra, entre elas a situação em que se encontrava o país depois de um longo período de lutas pela unificação. Com o fim destas guerras, a economia da Itália estava debilitada, além dos problemas de alta taxa demográfica e desemprego, e com uma população rural empobrecida e com dificuldades de sobreviver nas pequenas propriedades que possuíam ou trabalhavam.¹⁷

Segundo Klein, cerca de 31 milhões de imigrantes chegaram ao novo continente entre os anos de 1881 e 1915. Os Estados Unidos foram o principal país de recepção, seguido da Argentina e do Brasil.¹⁸ No Brasil, as regiões detentoras das grandes lavouras de café passaram a financiar a imigração o que contribuiu para o rápido desenvolvimento do capitalismo emergente.

Descrevendo os acontecimentos que impulsionaram os italianos a emigrarem para o Brasil, Trento afirma que foi “a miséria a verdadeira causa da emigração transoceânica entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial”.¹⁹ Assim, a emigração era uma questão de sobrevivência para as famílias italianas. A depressão agrícola que provocou a falta de alimentos também contribuiu para a falta de dinheiro e o aumento dos impostos. A opção pela emigração estava sendo mais atraente que continuar na própria terra.

Dadalto ressalta que, ao emigrar, os italianos abandonaram um país recém unificado e pobre, destituído de uma identidade

¹⁶ BUSATTO, Luiz. Dilemas do imigrante italiano no Espírito Santo. In: BONI, Luís Alberto de (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 242.

¹⁷ TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

¹⁸ KLEIN, Herbert. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

¹⁹ TRENTO, Ângelo. Op. Cit, p. 30.

nacional legitimada por um Estado Nacional.²⁰ Assim, os documentos e a política da época tratam de imigrantes italianos, entretanto, os imigrantes apenas se reconheciam enquanto vênéticos, sicilianos, calabreses, trentinos entre outros. O contexto de mudanças, de fragilidade e de pobreza vivenciado ganhara tal proporção, que a perspectiva de deixar sua terra e tudo o que significava este distanciamento perdia relevância diante da possibilidade de viver uma nova vida na América. A autora crescenta ainda que o contexto da Itália nos anos de 1870 era decisivo para um grande número de italianos ou ficar na própria terra ou partir para salvar-se em outro país, apesar dos riscos e da precariedade. No sonho coletivo, a possibilidade de partir, de fundar uma nova vida, era uma tentativa de estabelecer uma continuidade em outro continente, de ter algo sólido em que se apoiar no futuro, mas também livrar-se das obrigações militares e também ultrapassar a estreita identidade camponesa europeia da época.

Em relação aos fatores de expulsão, destacamos que a maioria dos migrantes não desejava abandonar suas casas, suas comunidades e nem sua terra. A maioria escolheria permanecer no local de origem. Dessa forma, as condições econômicas constituem o principal fator de expulsão, mas não o único. Portanto, a combinação de três fatores dominantes contribuiu na decisão de muitos europeus em migrarem para a América sendo eles: o acesso à terra e, portanto ao alimento; a variedade da produção da terra e o número de membros da família que precisariam ser mantidos. O fator demográfico, portanto, influenciou nas migrações, pois as taxas de mortalidade mantiveram-se estáveis durante décadas e só começaram a cair lenta e progressivamente. Entretanto, durante o mesmo período as altas taxas de natalidade persistiam. Esse crescimento da população pressionou o setor agrícola de toda a Europa e, em especial, a Itália. Gradativamente, os métodos tradicionais de arrendamento, cultivo e produção

²⁰ DADALTO, Maria Cristina. *A imigração Tece a Cidade – pólo industrial de Colatina*. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2009. p. 140.

começaram a mudar para atender às crescentes demandas alimentares. Este cenário provocou a perda de direito à terra por parte de muitos camponeses. Por outro lado, o aumento da produtividade atrelada a uma crescente mecanização da agricultura européia resultou numa necessidade cada vez menor de mão de obra. Neste sentido, o contexto da Itália, no momento da grande migração para o continente americano, envolvia não apenas um delicado momento político de unificação do território, mas combinava modernidade e modernização tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, transformando toda a sociedade.²¹ A modernização implicava um aumento da produtividade, mas não uma distribuição equitativa tanto dos produtos quanto da renda.

Em relação aos fatores de atração, a América era o oposto do continente europeu em termos de terra-trabalho. No primeiro, a terra era abundante e estava disponível. No segundo, a terra era cara e a mão de obra barata. Com uma taxa demográfica menor na América, a possibilidade de obter terra era grande para os imigrantes. Com a terra a preço acessível, se comparado com os padrões europeus, era enorme a possibilidade de trabalhadores imigrantes conseguirem obter suas terras num prazo curto, após a chegada.²²

Destacando a importância dos estudos de Ravenstein sobre o tema da migração, Dadalto enfatiza que estes consideram que no centro do processo migratório há uma decisão racional do agente que vai avaliar sua permanência ou migração de acordo com as informações sobre a região de destino e de origem. O que pode ser confirmado pela presença de leis que proibiam a emigração. Dessa maneira, o caminho dos imigrantes italianos se direcionou em maior escala para o Brasil, devido à criação de barreiras imigratórias pelo maior receptor de imigrantes – os Estados Unidos, dificultando assim, a entrada de imigrantes europeus neste país. A crise vivida na Itália e a idéia de que o Novo Mundo poderia proporcionar uma vida melhor motivaram

²¹ KLEIN, Herbert. Op. Cit.

²² Ibid.

muitos a direcionar-se ao novo continente.²³

Um dado ulterior ao processo migratório é a discussão sobre a integração dos italianos na sociedade brasileira. Segundo Boni, sabe-se que no interior deste fenômeno, a presença italiana foi particularmente relevante, teve características próprias e é possível notar que os imigrantes italianos não ficaram à margem da sociedade brasileira, eles se integraram a ela. De um modo geral, os estudos migratórios reconhecem que a imigração européia significou muito para o Brasil em termos de crescimento demográfico, desenvolvimento econômico, agrícola, industrial, cultural, artístico e sindical. Além de marcar a vida civil e política do país.²⁴

As regiões brasileiras Sul e Sudeste foram os primeiros pontos de chegada dos imigrantes italianos. No Sul, a corrente migratória foi notória devido à concentração em colônias e suas produções agrícolas. O desejo de alguns políticos liberais do Império era trazer pequenos proprietários para povoar as regiões sulinas e assim evitaria a conquista dos vizinhos platinos sobre a região e o desejo dos latifundiários em prosseguir numa política agrária calcada na grande propriedade e na agricultura de exportação. Neste sentido, toda a região transformou-se em receptora de imigrantes, destinados a pequenos lotes de terra.²⁵

A região Sudeste teve um grande destaque em relação à imigração italiana e foi a que recebeu a maioria dos imigrantes. Isso, provavelmente pelo processo de expansão das lavouras cafeeiras no estado de São Paulo, considerado por alguns autores como o maior pólo de atração. Entre os quatros estados desta região, Minas Gerais tornou-se um núcleo significativo da colonização italiana no Brasil.²⁶

²³ Ver DADALTO, Maria Cristina. Op. Cit. e BONI, Luís Alberto de (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

²⁴ BONI, Luís Alberto de (Org.). Op. Cit.

²⁵ ALVIM, Zuleika Maria Forcione. Op. Cit., p. 383.

²⁶ TRENTO, Ângelo. Op. Cit.

Diferentemente dos três estados vizinhos que recebiam os italianos em seus portos marítimos, Minas Gerais foi um destino secundário para estes imigrantes, devido provavelmente a sua posição geográfica. Os imigrantes italianos, que foram atraídos para Minas,²⁷ em sua maioria, já possuíam experiência imigratória em um dos três estados da região Sudeste. Várias foram as propagandas realizadas pela política imigratória²⁸ do estado para atrair os imigrantes, em especial, os italianos. Em solo mineiro, diversos foram os destinos destes imigrantes, sendo possível destacar algumas localidades como: Aimorés, Belo Horizonte, Itueta, Juiz de Fora, Machado, Poços de Caldas, Ponte Nova, Resplendor, Santa Rita do Itueto e São João Del Rey.

Norma de Góes Monteiro argumenta que foi a corrente italiana a que mais se impôs em Minas Gerais, se comparada com outras nacionalidades presentes no espaço geográfico mineiro. Mesmo que o estado de Minas não tenha tido grande destaque em relação à imigração européia – os italianos se sobressaíram neste estado. A autora explica que apesar da presença de estrangeiros, Minas ainda tinha preferência pelo trabalhador nacional.²⁹ Ao optarem por estrangeiros, os empresários agrícolas escolhiam o imigrante italiano, principalmente os do norte da Itália,³⁰ por considerar que sua adaptação aos costumes do país não era tão

²⁷ Indiscutivelmente, foi a corrente italiana preponderante na imigração para Minas Gerais. Entre 1894 e 1901, dos 52.582 imigrantes que entraram no Estado, 47.096 (89,5%) eram italianos. Ver ANASTÁSIA, Carla Maria Junho. A imigração italiana em Minas Gerais (1896-1915). In: BONI, Luís Alberto de (Org.). Op. Cit.

²⁸ Entende-se por política migratória toda política que, de forma direta e explícita, gera avaliações, objetivos e práticas relativas à contenção, geração, estímulo, direcionamento, ordenamento e acompanhamento de deslocamentos espaciais de população. Ver VAINER, Carlos B. Op. Cit.

²⁹ MONTEIRO, Norma de Góes. *Imigração e Colonização em Minas 1889-1930*. Editora Itatiaia Limitada. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 1994.

³⁰ Na parte norte da Itália encontra-se as regiões do Vêneto, Trentino, Piemonte, Lombardia, Emilia Romagna, Friuli, Liguria e Valle D'Aosta. A parte norte da Itália é mais desenvolvida que a parte sul.

difícil. Os italianos eram considerados excelentes trabalhadores, concordando com sistema de meação ou parceria com relativa facilidade³¹. O italiano era não só útil como mão de obra, mas atendia também como elemento colonizador.³² Nesse sentido, houve uma influência mútua que pode verificar-se na cultura de um modo geral.

É preciso destacar que, levadas expressivas de imigrantes italianos desembarcaram no porto de Vitória, capital do Espírito Santo no final do século XIX e início do XX, sendo direcionados ao interior do estado que abriga uma das maiores colônias italianas do Brasil. A maioria dos camponeses que abandonou o Vêneto³³ escolheu o Brasil como destino, desempenhando, portanto, importante papel para o povoamento e desenvolvimento nacional. O que mais atraía os Vênetos “era a possibilidade de serem proprietários de seu pedaço de terra. A posse da terra era um sonho que representava o prêmio dos esforços de todo o trabalho executado, de possibilidade de ascensão social ou até de segurança econômica”.³⁴

A imigração para o território espírito-santense era peça da estratégia governamental para promover o povoamento e expandir a fronteira agrícola, por meio da produção de riquezas. Havia a necessidade de povoamento e por isso, o projeto imigratório familiar de colonização foi proposto à época. Neste contexto, a maioria dos imigrantes que desembarcou no litoral do Espírito Santo vinha com toda a família, eram pouco instruídos ou sem instrução alguma e agricultores. Destacam-se, assim, a importância do papel das redes de informação e a tomada de decisão por migrar em grupos

³¹ O sistema de meação é quando a metade da produção é dividida entre o proprietário da terra e o colono (meeiro). O sistema de parceria é aquele em que as partes são divididas diferentemente entre o proprietário e o colono.

³² MONTEIRO, Norma de Góes. Op. cit.

³³ O Vêneto é a quinta região mais populosa e a oitava maior da região da Itália. Situada no nordeste do país.

³⁴ DADALTO, Maria Cristina. Op. Cit.

de parentes, amigos e conhecidos.³⁵ As redes de fato cumpriam um papel informativo e até orientador importante.

Os imigrantes italianos tinham como um dos objetivos cultivar seu próprio pedaço de terra.³⁶ No Espírito Santo viveram ainda numa sociedade eminentemente rural, alojados em colônias em geral isoladas dos principais centros de comercialização e da produção político-cultural já estabelecida na região. A quantidade de imigrantes europeus que ingressou no estado foi pequena, se comparada aos demais estados brasileiros receptores. Porém, a introdução do imigrante europeu se deu de forma marcante.³⁷

Todo o processo de imigração italiana no Espírito Santo pode ser dividido em duas fases com características específicas. A primeira entre os anos de 1874 a 1882 e a segunda entre os anos de 1885 a 1895. A primeira fase é caracterizada pela fundação e emancipação de núcleos nas colônias em regiões próximas aos centros de comercialização e pela chegada dos italianos em grupos. Na segunda fase, os imigrantes vinham em grandes levadas. Eram repartidos pelos novos núcleos em contingentes menores e levados para lugares bem mais distantes dos centros comerciais do Espírito Santo.³⁸

Dadalto argumenta que “o processo de desenvolvimento socioeconômico do Espírito Santo à época da imigração nem sequer se avizinhava da modernização já vivenciada na Itália ou que, em território brasileiro, já se instalava no centro-sul do país e que atraía o capital estrangeiro”.³⁹ Justifica-se, segundo a autora, que durante todo o período do Brasil-Colônia, a província

³⁵ Ibid.

³⁶ O plantio do café foi a principal atividade exercida pelos imigrantes europeus e foi a maior fonte de renda para o Espírito Santo até 1940.

³⁷ DADALTO, Maria Cristina. Op. Cit. p. 45.

³⁸ BUSATTO, Luiz. *Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo*. Vitória, 2002. [Reunião de artigos relacionados com imigração italiana, publicados em diversos periódicos.]. Site: www.estaçãocapixaba.com.br. Acesso em maio de 2012.

³⁹ DADALTO, Maria Cristina. Op. Cit. p. 69.

foi marginalizada pelo governo.

Neste contexto, é possível recorrer ao que Marandola e Dal Gallo descrevem sobre a experiência da migração. Para estes autores, migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de redefinições das territorialidades, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados. Portanto, implica sair dos territórios de segurança e lançar-se no mundo, em lugares de pouca ou nenhuma familiaridade. Assim, o destino representa uma nova realidade para o migrante em termos tanto culturais quanto espaciais.⁴⁰

Na perspectiva de Biasutti, esta leva de imigrantes italianos que foram para Minas Gerais teria chegado, não apenas pelo porto do Rio de Janeiro, mas também aportou em Santos-SP e em Vitória-ES, tendo depois de um determinado tempo subido pelo Vale do Rio Doce.⁴¹ No interior de Minas, para onde foram direcionados ao chegar ao porto marítimo, sofreram, em especial, com a adaptação ao clima e à alimentação, enfrentaram animais selvagens, desbravaram os locais pouco habitados, plantaram, colheram, construíram suas casas e formaram famílias numerosas, consideradas pela Demografia como unidades de produção. Em poucos anos já era possível perceber o crescimento populacional e o desenvolvimento das localidades onde havia a presença desses imigrantes italianos. Destaca-se que no contrato firmado entre os governos da Itália e Espírito Santo havia os direitos e deveres a serem cumpridos pelo estado e pelos imigrantes. Um dos deveres do imigrante italiano era o da construção de uma casa sede e o cultivo da lavoura dentro de seis meses após o recebimento do lote de terras.

⁴⁰ MARANDOLA, Eduardo Jr.; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 27, n. 2. Rio de Janeiro, p. 407-424, jul./dez. 2010.

⁴¹ BIASUTTI, Luiz Carlos; LOSS, Arlindo; LOSS, Everaldo. *Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais - subsídios para uma história da imigração italiana*. Belo Horizonte: S.N., 2003.

A maioria dos italianos e descendentes que foram atraídos para o Vale do Rio Doce, mais especificamente para a microrregião de Aimorés localizada próximo à fronteira entre Minas e Espírito Santo eram moradores do município de Alfredo Chaves e de outros municípios próximos a este, situados na região sul do estado do Espírito Santo.⁴² Eram, em sua maioria, famílias oriundas do Norte da Itália, principalmente da região do Vêneto. Após um período de crescimento populacional e desenvolvimento econômico nos locais em que residiam no Espírito Santo optaram por migrar para outras localidades diante de um cenário de estagnação econômica e impossibilidade de garantir o sustento das novas famílias constituídas pelos filhos dos italianos a partir da pequena propriedade familiar. O principal motivo pela escolha das terras mineiras localizadas na divisa interestadual era o valor das terras, a quantidade de nascentes e o desejo de ascensão social a partir do seu próprio pedaço de terra.

O Vale do Rio Doce, por volta dos anos de 1903, via sua paisagem sendo modificada com a destruição da floresta para a construção da estrada de ferro e fornecimento de carvão para a Vitória-Minas, que em 1942, passa a ser administrada pela Companhia Vale do Rio Doce - CVRD. Nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, o Sertão do Rio Doce era visto como “um território com espessa cobertura florestal, habitado por índios pouco conhecidos e mal afamados, com alto grau de insalubridade, com rios de difícil navegação, com geografia desconhecida”. Essa região fazia fronteira com outras historicamente povoadas e conhecidas, como a região mineradora e o litoral espírito-santense.⁴³ Em 1907 os trilhos da ferrovia chegam à localidade de Aimorés⁴⁴ e, em 1910, à atual cidade de

⁴² O sul do Espírito Santo é a segunda região mais populosa do estado e contou com grande contingente de imigrantes europeus em seu espaço geográfico.

⁴³ ESPINDOLA, Haruf Salmen. *Sertão do Rio Doce*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 311.

⁴⁴ Na época conhecida como Natividade, se situa na divisa do Estado de Minas Gerais com Espírito Santo.

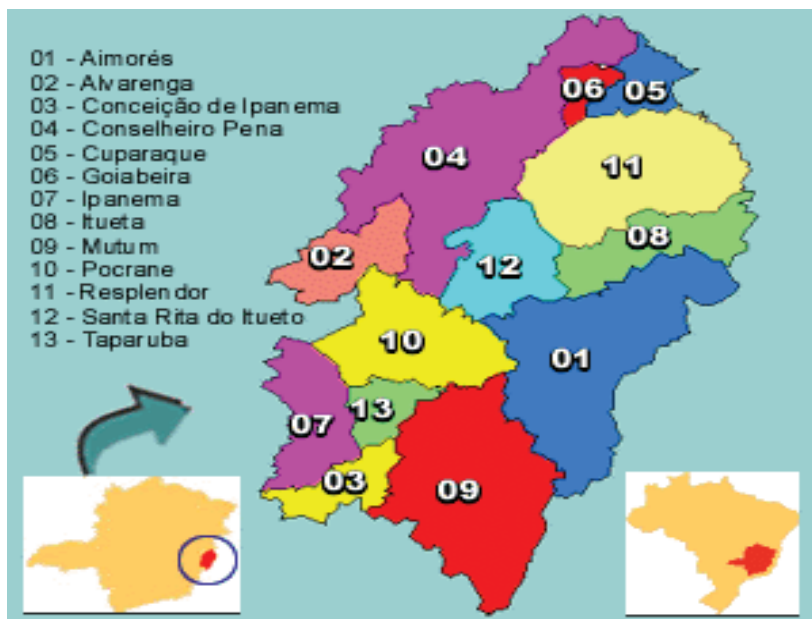
Governador Valadares, ambas no estado de Minas Gerais. No percurso da ferrovia, que corta os estados brasileiros de Minas e Espírito Santo, vários povoados nasceram ou se desenvolveram, entre eles, várias localidades da microrregião de Aimorés que teve boa parte de sua extensão geográfica cortada pela ferrovia.

O caminho dos imigrantes italianos na mesorregião do Vale do Rio Doce/MG

Analisando os poucos estudos sobre a presença italiana em Minas Gerais é possível perceber que há dois perfis de imigrantes italianos. Num primeiro perfil, podemos destacar os comerciantes e profissionais especializados direcionados para os centros urbanos; no segundo, os agricultores direcionados para o interior do estado. Para compreendermos melhor a inserção dos imigrantes italianos partiremos de uma descrição da mesorregião escolhida para destino.

A mesorregião mineira do Vale do Rio Doce é dividida em sete microrregiões, entre elas, está a microrregião de Aimorés, como pode ser observada no mapa a seguir. Nesta microrregião ressaltamos como pontos de chegada de imigrantes italianos e de inúmeros descendentes os municípios de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto. Neste sentido, cabe destacar que os imigrantes chegaram numa proporção menor se comparados às famílias de descendentes. Os imigrantes eram provenientes do norte da Itália; quanto aos descendentes eram nascidos no interior do estado do Espírito Santo, em sua maioria. A chegada à região desses migrantes aconteceu no início do século XX, promovendo uma nova configuração a esse território, inserindo novas técnicas de manejo da terra, novos costumes e valores.

Mapa da microrregião de Aimorés – MG



Fonte: www.google.com.br/imagens - acesso em 29/06/2011.

O Vale do Rio Doce apresenta uma participação tardia no movimento de migração de europeus e seus descendentes em função do interesse governamental pelo povoamento desta região que, gradativamente, abriu caminho aos colonos fixados nas áreas montanhosas do Espírito Santo.⁴⁵ Em torno de 1920, começam a desembarcar nas estações ferroviárias de Aimorés e Resplendor diversas famílias de migrantes italianos e seus descendentes. Com elas desembarcam além de pequenas bagagens essenciais para a sobrevivência, os sentimentos de insegurança, esperança e sonhos nesta nova vida de migrantes em território desconhecido.

⁴⁵ REZENDE, Marcos; ÁLVARES, Ricardo (Organizadores). *Era Tudo Mata: o processo de colonização do Médio Rio Doce e a formação dos municípios de Aimorés, Itueta e Resplendor*. Belo Horizonte, MG: Consórcio da Hidrelétrica de Aimorés, 2009. 266 p.

Neste novo território, os migrantes italianos e descendentes tiveram destaque nos aspectos econômicos, culturais e políticos. O município de Aimorés é o maior – dentre os quatro municípios recortados para a produção deste artigo, em extensão territorial e recebeu migrantes italianos e descendentes tanto na sua área rural quanto na urbana. Já o município de Itueta, que foi desmembrado dos vizinhos – Aimorés e Resplendor, recebeu uma significativa leva de migrantes italianos e descendentes na parte sul do seu território. A parte norte deste município foi colonizada por imigrantes alemães.

Os migrantes fixados em Resplendor, em sua maioria se dedicaram ao comércio e, posteriormente, ao serviço público na área urbana. Em sua área rural, situada na parte norte, os migrantes se dedicaram a criação de gado para produção de leite. Situado na área de maior altitude da microrregião, o município de Santa Rita do Itueto se diferenciou dos demais em relação a grande quantidade de nascentes e ao clima que é mais ameno e propício para o plantio do café. Sua extensão territorial não foi cortada pela ferrovia e foi o território que recebeu maior contingente de migrantes italianos e descendentes.

É interessante destacar que no momento de maior entrada desses migrantes, somente o município de Aimorés havia se emancipado em 1915. Os outros três municípios ainda não estavam emancipados político-administrativamente. O município de Resplendor emancipou-se em 1939, Itueta em 1948 e por último o município de Santa Rita do Itueto em 1963. Estes três últimos, contaram com a presença de imigrantes italianos em seu território no momento de emancipação política.⁴⁶ Porém, não é possível perceber na historiografia existente, se os imigrantes e descendentes tiveram participação ativa no período de emancipação de tais localidades.

A dificuldade em perceber a atuação e a contribuição dos migrantes nestas localidades se deve ao fato de não haver

⁴⁶ As datas de emancipação política dos referidos municípios foram acessadas através dos sites de suas respectivas prefeituras.

uma historiografia específica sobre esses grupos.⁴⁷ Faltam, de fato, reflexões sobre questões culturais que permearam e ainda permeiam o cotidiano dessas famílias; assim como estudos sobre as práticas culturais que ajudaram a configurar as identidades dos migrantes em relação ao novo território constituído e conhecer melhor as estratégias de defesa e de convívio com os autóctones. Nesse sentido, vale ressaltar a importância da coleta de narrativas efetuadas por meio da metodologia da História Oral. A partir das narrativas é possível escrever uma história mais rica, comovente e verdadeira, uma vez que as evidências orais transformam os 'objetos' de estudo em 'sujeitos'.⁴⁸

O novo território configurado nas memórias dos descendentes de imigrantes italianos

Para compreender a trajetória e a inserção dos primeiros migrantes italianos e seus descendentes na microrregião de Aimorés tem sido necessário um esforço de pesquisa qualitativa, com amostragens obtidas mediante aplicação de questionários e trabalho de campo pautado na História Oral. Neste último caso, trata-se de uma metodologia de pesquisa de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX e consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Ressaltamos que a fonte oral, além de coletada, deve ser interpretada e analisada cuidadosamente e, em função de

⁴⁷ No momento há um projeto intitulado "Itália: I/Emigração – a chegada dos italianos e a emigração de seus descendentes". A pesquisa tem como proposta estudar a inserção dos migrantes italianos e descendentes na microrregião de Aimorés/MG e a emigração de descendentes das gerações mais novas para a Itália. Esse projeto faz parte das pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Regional/NEDER – Univale/MG, integrante do Observatório Interdisciplinar do Território-OBIT/Univale.

⁴⁸ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 3º ed. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 137.

sua natureza diversificada e estreitamente vinculada ao cotidiano, favorece uma pesquisa com espaço para falas de sujeitos, em geral, anônimos.⁴⁹ Será, portanto, nestas fontes que embasaremos os resultados relativos à memória dos descendentes de italianos quanto à configuração do novo território no momento da sua chegada à microrregião de Aimorés.

A escolha se faz uma vez que a História Oral nos permite apreender questões como motivação, práticas, costumes, identidades e tradições referidas à origem e nos fornece instrumentos significativos para compreender sobre a permanência dos migrantes no local ou no país de acolhimento; assim como, nos permite acessar os complexos processos de adaptação e de integração. Portanto, a memória que transborda em narrativas tem muito a contribuir para a compreensão desse processo de chegada dos migrantes italianos e descendentes e sua inserção no novo território, pois trabalha com depoimentos, testemunhos, trauma, verbalização, memória e *re-significação* do passado e das experiências de vida.

Através da realização de seis relatos orais com descendentes de migrantes italianos, com faixa etária de 54 anos a 94 anos de idade na microrregião de Aimorés, percebe-se que os migrantes italianos e seus descendentes se fizeram presentes na Microrregião apesar de todas as dificuldades vivenciadas em diversos momentos de suas vidas.

Segundo os descendentes, os pais e os avôs (*nonos*) sempre contavam como foram difíceis a chegada e a instalação nesse local que era ainda coberto pela Mata Atlântica. Estas dificuldades da chegada e instalação podem ser observadas através dos extratos de narrativas a seguir. Está presente na maioria dos relatos a descrição dos tempos difíceis, da derrubada da mata, construção das primeiras casas para abrigo da família e a formação das primeiras lavouras de subsistência. Ainda

⁴⁹ SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. *Ciência e Conhecimento* – Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo – Vol. 01, 2007. p. 03.

crianças no momento da chegada de suas famílias a Aimorés, esses descendentes recordam:

“... A vinda pra cá naquela época era bem difícil, porque trem de ferro naquela época era tocado à lenha (...) É Maria Fumaça, é. Era demorado vim de lá aqui, eles levaram dois (02) dia, da onde eles morava pra vim pra Castelo pra, pra naquela época o trem seria até em Castelo, me parece, não tô bem certo não, eles pegava o trem de ferro pra Vitória, e vieram, eles venderam tudo, os trem que tinha, eles só trouxeram os menino e uma bagagemzinha pouca, num, pra num, porque era longe de Itueta pra vim onde ele morou aqui, onde ele comprou, era quase mata pura, estrada ruim. (...) os meninos começaram a chorar porque diz que tava com fome (...) o papai pregando, acabando de pregar as tabinhas ... a mamãe chorando, o Antenor, (irmão mais velho) ... chorando querendo voltar pra Castelo, ... Sai de um lugar santo pra vim pra um lugar desse, no meio de uma mata...”

(Descendente de italiano 01, 81 anos, Itueta-MG)

“...Era mata! (risos) A mata quase vinha dentro de casa. Pura mata! Quase tudo era quase mata. Aí eles foram derrubando e prantando milho, café... foram, foram se graduando. (...) Achava bom. Achava bom porque trabalhava. Tinha saúde né. ...”

(Descendente de italiano 02, 81 anos, Itueta-MG)

“Pra... naquela época o, o, num sei se é o governo, dava terra sabe? Aqui era mata pura! Cê vê eles conta! Era mata purinha, purinha! Aí eis se jo..., fazia aquela, aquelas, aquelas barraca. Aí, ali eles ficava e começava a dirruba pra pode começar a vida. (...) Oh menina... (pausa) Aquela dificurdade. Dificurdade! Dificurdade!”

(Descendente de italiano 05, 73 anos, Itueta-MG)

A experiência narrada mostra a difícil tarefa de transformar o espaço em um território. A Mata Atlântica era um espaço inóspito e a decisão de sair de um território já delineado e, de certa forma já apropriado e conhecido, os faz pensar que saíram de um lugar santo. Distante e praticamente selvagem, a família deveria

transformar a mata em moradia. Mas, talvez o desafio maior seria *re-significar* a mata enquanto oportunidade de trabalho e de enriquecimento. Na realidade, a terra comprada era apenas uma projeção, um projeto de futuro que naquele momento, no momento da chegada, se apresentava desnudo de qualquer dimensão fantástica, bem distante do sonho acalentado de cultivar grandes porções de terra. Um sonho que os levava a pensar na alegria das primeiras colheitas, mas os poupava dos momentos penosos do desbravamento do mata.

O novo território nas terras mineiras próximas à divisa com o Espírito Santo, apesar de inóspito, se constituía na oportunidade de reviver o sonho da primeira geração de imigrantes italianos que vieram para o Brasil com a promessa de terra farta e plenas condições de desenvolvimento. O cenário de estagnação e a impossibilidade de manter o sustento das famílias com propriedade cada vez menores, os fez lançarem-se rumo ao desconhecidos como os seus antecessores. A mata que tanto impressionava e é constantemente relatada nas narrativas dos descendentes era, no fim, a única chance de sobrevivência e de dignidade. A narrativa desconcertante do primeiro descendente mostra que os imigrantes italianos já haviam se reterritorializado em Castelo/ES, mas, mesmo assim, decidiram migrar em busca de novas oportunidades. Trata-se de uma elaboração que marca o complexo processo de uma família de imigrantes que passa por um processo de desterritorialização e inicia sua reterritorialização ressignificando as matas mineiras do Vale do Rio Doce. Entretanto, também expressa uma tradição de apego à terra que qualifica o espaço e o aprofunda, diferenciando-o de uma camada superficial do planeta. Neste processo, o apego ao solo o torna abrigo de histórias e valores.⁵⁰

Desta perspectiva compreende-se o esforço e o trabalho árduo. Alguns migrantes italianos e descendentes italianos

⁵⁰ PIERRON, Jean Philippe. Sols et civilisation. Une approche poétique du territoire. *Études*, N. 3983, 2003, pp. 333-345. Traduzido por José Luiz Cazarotto (ad instar manuscrito). p. 334.

chegaram à região, a partir de 1920, e já compraram pequenas propriedades, outros trabalharam como meeiros em terras de familiares ou amigos e mais tarde adquiriram o seu próprio pedaço de terra. Todo crescimento observado, atualmente, foi adquirido com os esforços de cada família que desbravaram e povoaram os locais poucos habitados com seus numerosos filhos.

Durante o relato, um descendente comenta sobre os imigrantes italianos que saíram do Espírito Santo.

“...Eles eram tudo casado sabe.? Então, eis começo adquirir filho, essas coisas... E lá a propriedade era muito pequena e já tinha um dinheirinho guardado lá e vieram para aqui porque aqui os terreno era baratinho né. Então, eles veio e se possiaram aqui. (...) Aqui eram 40 alqueires e eis deram 18 conto. Barato. Baratinho. Tem terra aí que, que eu, eu que alcancei ainda, terra de 20, 25 alqueire – 400 reais.(...) Aí já se formaram a família. Mas a terra lá era ruim, era ruim né. Eles formaram um dinheirinho, compraram lá em Castelo. De Alfredo Chaves eis mudaram para Castelo. Lá a terra é muito boa. Produziram bem o café e essas coisas... E lá eles foram se espalhando. Cinco irmãos veio para cá e os outros ficaram lá.”

(Descendente de italiano 02, 81 anos, Itueta-MG)

Destaca-se neste contexto, que os migrantes italianos e seus descendentes atuaram, ou seja, foram agentes de sua própria história no sentido de construir seu próprio espaço numa sociedade estranha, integrando-se a essa nova sociedade e simultaneamente mantendo, de certa forma, os traços culturais da sociedade de onde vieram, seja da Itália ou da localidade de onde partiram em direção à Minas.

Tendo em vista que estes migrantes já haviam passado por um processo de reterritorialização em outro local, os traços culturais encontravam-se alterados em relação à sua originalidade. Assim, tantos os traços de continuidade quanto os de descontinuidade em relação à cultura de origem foram fundamentais para redefinirem a própria identidade nesta nova relação com o ambiente. Em outras palavras, ao deixarem a terra natal, na Itália, a família passou

por um processo de desenraizamento e desterritorialização seguido de uma reestruturação identitária em terras espírito-santense. Posteriormente, com a segunda migração, no caso para a microrregião de Aimorés/MG, essas famílias sofreram um novo processo de reterritorialização e, conseqüentemente, novas reconfigurações tanto em termos culturais quanto em termos identitários.

Eles desmataram para a construção das casas, currais e galpões para armazenar os produtos colhidos e também para a formação das lavouras de café, milho, feijão, arroz entre outros produtos alimentícios. As famílias que chegaram à região após a instalação dos primeiros migrantes italianos receberam ajuda destes, através de mutirão onde todos ajudavam a preparar o terreno para iniciar a plantação das sementes. Em alguns relatos a ajuda mútua é ressaltada, especialmente na plantação. Entretanto, a ajuda também podia se estender a familiares que ainda estavam no Espírito Santo tanto no deslocamento destes quanto na acolhida. Na maioria das vezes, os descendentes narram a ajuda mútua, mas não é possível perceber se essa prática origina-se na Itália ou, mais especificamente, se é uma prática comum no Vêneto. De qualquer forma, era consenso na época que os italianos do Vêneto eram mais “mansos” e há referências de que em outras províncias italianas, como no caso de Treviso, havia práticas de ajuda mútua entre parentes e amigos próximos. De qualquer forma, a transformação de mata em território só poderia ser empreendida com algum sucesso se contasse com um esforço coletivo, já que as condições adversas seriam por demais penosas para uma empreitada individual. Nesse sentido, podemos, indiciariamente, considerar que se a ajuda mútua era ou não uma prática originária na terra natal, ela era uma solução na transposição de tantas dificuldades encontradas pelas primeiras famílias que chegaram à microrregião de Aimorés e pode ter se tornado frequente para facilitar o assentamento das levas que chegavam à região.

O fato é que, aos poucos e com toda a família nas lavouras, os descendentes de italianos começaram a adquirir mais terras e

gados para melhorar a renda familiar. Nesse ponto, é importante destacar que a produção era familiar e todos os homens, mulheres e crianças, a partir dos seis anos de idade, trabalhavam arduamente na terra. Assim, suas terras foram aumentando e o crescimento da produção os tornou importantes produtores de café e criadores de gado para corte e produção de leite e queijo na microrregião até os dias atuais.

No relato do descendente de italiano que, com apenas 20 dias de vida, percorreu nos braços da mãe o trajeto de Santa Tereza-ES até o município de Itueta/MG, está a memória de uma infância regida por muito trabalho.

“...E o tempo colhia bem. Colhia as coisas. Plantava o milho, plantava arroz, feijão, plantava café. A gente mesmo. Nós trabalhava. E o nosso pai não botô nós na escola. Nunca quis pô. Ele brigava com a gente para gente não ir na escola. Ele queria que a gente trabalhasse.(...) Às vezes eu era muito pequena que não sabia direito ficava a outra irmã lá. Tomando conta. Então eu ia pra roça também junto. Fazia pouco, mas o pouco que fazia já ajudava. (...) Ah... A gente não, não tinha... A gente não tinha folga não. Só dia de domingo. Ah, eu também. Trabalhei demais. ...”

(Descendente de italiano 03, 73 anos, Itueta-MG)

Nas lembranças deste tempo, o trabalho na lavoura e as obrigações em casa são fortes recordações presentes na memória.

“...Trabalhava todo mundo. Todo mundo trabalhava. Era mulher, homem, mulher casada, tudo ia para a roça. (pausa) E nós de dia? No cabo da enxada. Pra enxada. O dia inteiro. Capinar café, dirigiçar café, panhar café, tudo. É, a vida era apertada. (...) Uai! O Maurílio e o Fio (os irmãos mais novos) foi criado comigo. Meu Deus do céu! Era eu que ficava em casa dando mamadeira, comida pra eles. ...”

(Descendente de italiano 02, 81 anos, Itueta-MG)

Quando a descendente de italiano lembrou a sua infância a retratou assim:

“...Ah, a minha infância foi a mais sofrida que vocês pensarem. Ah, eu trabalhava demais na roça. Com seis anos meu pai botava a gente na enxada. Tinha, tinha que, que, trabalhava a semana inteira, quando chegava sábado e domingo a gente tinha que lavar roupa pra segunda-feira. É, costurava o domingo. Ajudava é ... Todo o serviço que num podia fazer na semana tinha que ser feito no domingo, a gente não tinha folga pra nada. Assim com seis anos a gente fazia comida, colocava no fogão assim, um caixote pra gente alcançar, é foi muito sofrido. Eu puxava enxada o dia inteiro, eu tinha muita dor nas costas, sofri demais na roça.”

(Descendente de italiano 04, 55 anos, Resplendor-MG)

É significativo que as narrativas evoquem com frequência o cenário da mata e o trabalho árduo. As evocações revelam a estranheza de famílias que saíram de um ambiente já organizado em Castelo, por exemplo, onde havia fazendas constituídas e se deslocaram para uma região ainda com poucos habitantes/inabitada. Há também que se pontuar que, a ênfase na mata também revela a ausência de moradias apropriadas ou, pelo menos, que tivessem um padrão semelhante àquelas encontradas nos locais de origem. Nesse sentido, a referência da mata se torna fundamental para assinalar o esforço de transformação levado à cabo pelas famílias de migrantes italianos e descendentes. Esse esforço se complementa com as falas relativas à infância cuja marca central é o trabalho árduo.

Em todas as narrativas, os entrevistados exaltam o trabalho. Esse acaba por se tornar uma marca identitária desse grupo de migrantes que se estabelece em terras mineiras. Diferentemente da tradição patriarcal e ainda escravocrata instaurada e enraizada na cultura mineira – e, porque não dizer brasileira – o trabalho sempre fora uma atividade para aqueles menos aquinhoados. Ao passo que, para os imigrantes, era o trabalho que os dignificava. Aliás, foi por esse motivo que tantas famílias se deslocaram da

Itália rumo ao Brasil. Todas vieram em busca de condições de trabalho e sobrevivência para os seus descendentes. O impacto causado pela chegada dessas famílias à microrregião de Aimóres pode ser acompanhado por dados do Censo Demográfico. Tais dados não permitem uma apreciação minuciosa mas nos permite observar que a grande maioria dos migrantes se instalaram na zona rural; posteriormente, alguns filhos e netos foram pra cidade.

Esta corrente imigratória revelou, portanto, algumas especificidades: a imigração familiar foi mais volumosa que nos demais países receptores, e, a região do Vêneto, na Itália, foi a que mais forneceu imigrantes.⁵¹ Estudando a imigração italiana no Rio Grande do Sul, Zanini descreve que eram migrações familiares, composta por católicos em sua maioria, provenientes do norte da Itália e predominantemente de camponeses pobres. A região de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto –MG, também seguiu esse mesmo padrão. Segundo os dados preliminares do Censo Demográfico de 2010, a microrregião de Aimorés possui uma população de 144.724 habitantes, sendo que 66,8% destes vivem em áreas urbanas e 34,2% em áreas rurais – percentual muito elevado, se comparado com o Estado de Minas Gerais no qual apenas 14,7 % da população reside em áreas rurais. A maioria dos municípios que compõe a micro possui características predominantemente rurais, prevalecendo a agricultura familiar. Dos treze municípios que formam a micro, seis possuem mais de 40,0% de sua população vivendo em áreas rurais.⁵²

Muito provavelmente essas especificidades contribuíram para o reforço de alguns traços. Nestas localidades, os migrantes expressaram sua fé e devoção construindo diversas capelas em homenagem aos santos (as) da igreja católica. Aos domingos as

⁵¹ BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (org). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP-1995. v. 1 p. 3-35.

⁵² ZANINI, M. C. C. Literatura de descendentes: italianos no Rio Grande do Sul. In: PACELLI, Ademir *et al* (Orgs.). *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 39-52.

famílias se reuniam para rezarem o terço e a ladainha a Nossa Senhora, as mulheres eram responsáveis por todo o momento de oração. Sobre o dia de domingo, uma descendente de italiano relata que:

“...O domingo aí a gente se preparava... A mamãe sempre matava a galinha, fazia aquela taiadela que os italianos fala. Fazia aquela panelada de macarronada com gordura em cima..., fazia tipo uma comida mais diferente sabe? Aí passava o domingo assim. Mamãe também gostava de ir muito na igreja. Mamãe era muito católica. ...”
(Descendente de italiano 03, 73 anos, Itueta-MG)

As festividades dos (as) padroeiros (as) eram comemoradas por todos – as famílias italianas e descendentes não trabalhavam na terra ou no comércio nestes dias de festejo. Havia comidas típicas, danças e cantos italianos, era um momento de encontro entre as famílias italianas e de muita alegria. Atualmente estas capelas se transformaram em grandes e bonitas igrejas nas diversas localidades da microrregião de Aimorés.

“...festa que eles fazia, mais é de italiano aí nas época, naquelas época, vamos dizer na comida, as comida que eles põe (...) era, era a bebida alcoólica e o vinho, vinho e alguma cachaça ou outras bebida quente, e a comida era um feijão, eles falava tutu de feijão, hoje, hoje eles fala feijão tropeiro, naquele tempo, falava tutu de feijão. Fazia, macarrão à vontade, por exemplo, tipo comida assim, de servir mesa né, prato, todo mundo comia no prato e mais as bebida era o vinho, um pouco de bebida alcoólica e eles cantava muito a música italiana (...) Cantava aquelas músicas na língua italiana e tocava, tinha que uns que tocava, uns italiano véio que tocava também... (...) Tocava a Sanfona. (...) Aquele tempo nois dançava bem ó, o xote, a valsa, a rancheira que alguém fala mazuca.”

(Descendente de italiano 01, 81 anos, Itueta-MG)

“Tudo isso! Cantar em italiano? Se ocê vê cantar em italiano. Aqui nessa Santa Luzia, aqui. Era cada festa! Nossa Senhora! Maravilhosa! Era. Aquilo eis assava leitoa, eis, aquela, aquele, aqueles mês de maio. Aí cantava em italiano. Ficava aquela coisa, aquela festa, bebia... e aquela festa. Tudo os italianão mesmo.”
(Descendente de italiano 05, 73 anos, Itueta-MG)



Foto1: Prato com minestra (sopa de feijão, arroz e macarrão), polenta e queijo.
Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2011.

A narrativa exposta acima já indica um ajuste identitário, especialmente aquele referente à culinária típica italiana. Alguns elementos são mantidos, como o vinho e o macarrão mas, outros elementos são inseridos como é o caso do feijão e da cachaça. Esses dois últimos elementos são oriundos de uma tradição cabocla, disseminada pelos tropeiros que circulavam por todo o território interiorano, especialmente, nos sertões. Contudo, o fato de maior relevância na narrativa do nosso informante é sem dúvida o tempo marcadamente festivo que a comunidade reservava para si. Há uma indicação marcante que a festa era

de italianos o que reforça a identidade do grupo e os elos de solidariedade e sociabilidade. A comida, a música e a dança traziam de volta momentos da terra natal e reconstituía, no novo território, um ambiente ameno e alegre quando todos cantavam em italiano, como se estivesse na Itália, tão distante e tão presente ao mesmo tempo. Os elementos cruzados da culinária também se estendem para a música e para a dança, com o xote típico da cultura portuguesa com a sanfona, que já estava inserida na cultura italiana, assim como a valsa e a mazuca. Seyferth destaca que a relação memória – identidade – história é particularmente relevante nas atividades comemorativas, públicas ou particulares.⁵³ Em outras palavras, pela memória constituímos nosso passado: recoletamos cenas, reconformamos episódios, distinguimos o ontem do hoje, confirmamos termos experimentado um dado passado.⁵⁴

O esforço em manter elementos identitários claros fez-se sentir na determinação de manter uniões matrimoniais concentradas dentro do grupo de italianos. Com os poucos moradores não descendentes de italianos⁵⁵ mantiveram uma relação de respeito e amizade. Porém, os casamentos eram entre famílias de descendência italiana. Até a terceira geração, poucos são os que se casaram com não descendentes e quando isso acontecia era motivo de discriminação. Segundo os relatos dos mais velhos, casar com a mesma descendência é melhor, pois os costumes, valores e virtudes são os mesmos. Atualmente, é possível perceber que a quarta geração não tem tanta restrição ao casamento com outra descendência, mas ainda faz referência aos não descendentes como sendo brasileiros.

⁵³ SEYFERTH, Giralda. Comemoração, identidade e a memória da imigração. In: PACELLI, Ademir *et al* (Orgs.). *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 39-52.

⁵⁴ PINTO, Júlio Pimentel. Op. Cit.

⁵⁵ Denominados até hoje na região, como brasileiros.

“...O meu pai. O meu pai ele era muito racista. Nossa senhora! Ele não queria que nós casasse com brasileiro de jeito nenhum. Ele não queria que a gente misturasse a raça de jeito nenhum. Nossa mãe! Ele tratava muito bem, mas, misturar o sangue não. Italiano. Italiano com italiano. Ele falava: brasileiro com brasileiro. Italiano com italiano.”

(Descendente de italiano 03, 73 anos, Itueta-MG)

“Tudo italiano! Você cruzava, que você num achava um brasileiro. Tudo italiano. (...) Não. Nós casava tudo entre nós. Aqui tudo vizinho né.”

(Descendente de italiano 05, 73 anos, Itueta-MG)

Para Elhajji, apesar do ser humano, concomitantemente, fazer parte de uma “singularidade individual concreta” e de uma “pluralidade social abstrata”, sua identidade é continuamente construída, desconstruída e reconstruída de maneira coletiva. Segundo este autor, toda identidade é necessariamente étnica, pois o indivíduo constrói sua identidade por meio de um sentimento de pertencimento a determinado grupo, principalmente a partir da consciência da diferença.⁵⁶ Nesse sentido, memórias e identidades não são coisas fixas, mas representações e construções da realidade. A noção de identidade depende da idéia de memória e vice-versa; e baseia-se num sentido de semelhança no tempo e no espaço que é sustentado pela lembrança. A memória é individual e coletiva, supõe temporalidade – passado/presente, é uma construção. Ou seja, era e é um espaço e um momento de construção da identidade.⁵⁷

Como as festividades religiosas, os casamentos entre os descendentes italianos também eram comemorados com muita festa, comidas típicas, cantos e danças italianas até o raiar do dia. A foto 2, a seguir, foi tirada na sede da fazenda de um imigrante

⁵⁶ ELHAJJI, Mohammed. Memória coletiva e espacialidade étnica. *Galáxia*, n. 4, 2002.

⁵⁷ SEYFERTH, Giralda. Op. Cit.

filho de italiano, que saiu do município de Castelo/ES e chegou à microrregião de Aimorés em 1927 com a esposa e quatro filhos e tiveram mais seis filhos. A festa⁵⁸ é de um casamento entre descendentes de italianos da terceira geração, na região de Itueta, em 1969. A propriedade continua com a mesma família de descendência italiana e parte da casa pode ser vista até os dias de hoje.



Foto 2: Festa de um casamento em 1969 – Itueta/MG. Digitalizada em 02/09/2011
Fonte: Arquivo particular de família de descendência italiana.

Relatando sobre as festas de casamentos, da época, a descendente comenta que:

“...A gente depois casou. Foi muito bom. Uma festona. Tanto lá em casa como ali na casa dele. Eu casei em casa. Aí..., depois de casada eles fizeram a festa aqui. É. Eu casei lá. E lá o papai quis dar a festa lá também. Aí o papai deu o almoço... Deu uma festa

⁵⁸ É possível perceber, através dos relatos orais, que os descendentes mais velhos relatam com muita emoção as festas de casamentos e os festejos religiosos na Microrregião, de quando eram jovens.

lá. (...) Aí eu tirei o vestido de noiva e vim para cá. Pra outra festa. Tinha uma outra festa. (...) Gostava de festa. Baile. Hoje em dia ninguém se diverte não.”

(Descendente de italiano 03, 73 anos, Itueta-MG)

Conforme afirma Hall, a migração reconfigura tanto o território de saída como o de destino, nesse sentido, os imigrantes trouxeram consigo seus costumes, valores, vocabulários, cantos, danças, festas e comidas típicas que foram incorporados à sociedade daquela época, sendo visível até os dias atuais.⁵⁹

Segundo Peralta, todos os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu próprio passado coletivo e essa memória é indissociável na manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar o grupo e distingui-lo dos demais.⁶⁰ Estes imigrantes italianos e descendentes foram motivados pela possibilidade de construir, em Minas Gerais, uma nova vida como proprietários de terras, já que no Espírito Santo trabalhavam nas terras dos pais. Este movimento populacional foi uma verdadeira “aventura colonizadora”⁶¹, marcada pelo trabalho árduo e luta contra as adversidades e dificuldades.

Considerações Finais

A partir dos primeiros resultados da pesquisa de campo, ainda em andamento, é possível considerar que a formação deste território contou com a forte influência de imigrantes e descendentes italianos vindos do Espírito Santo. A chegada destes permitiu nova configuração a este território, inserindo novas técnicas de manejo da terra, novos costumes e valores.

⁵⁹ HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

⁶⁰ PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas aos estudos da memória social: uma resenha crítica. *Arquivos da Memória*. N. 2, 2007. p. 7.

⁶¹ Termo inspirado por CASTIGLIONI, Aurélia H. (Org.). *Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1998. 315 p..

Ao persistir na memória dos descendentes a história contada pelos antepassados sobre a trajetória, a chegada e a inserção na nova sociedade, a história de vida destes pode perdurar ao longo dos anos. Assim, a história e a memória destes atores sociais atualizam e avivam a consciência de pertencimento, traduzida numa identidade étnica que aflora na história contada e recontada.

Contudo, não há como registrar a memória sem o solo, o território constituído por essas famílias de descendentes de imigrantes. A terra que tanto buscaram, se configurou na condição existencial da própria existência do grupo e de seus descendentes. Isto porque, objetivamente falando, de acordo com Pierron o solo é também o lugar onde se apoiam as civilizações. Elas deixam aí as suas marcas; elas se sedimentam em camadas que se superpõem, fazendo do solo a manifestação visível de sua passagem. O solo, o que é próprio do material terrestre, guarda memórias. Os povos nômades como os povos marinhos, são *figuras* da passagem, do efêmero mas, diversamente, as sociedades sedentárias e agrícolas *arranham* o solo para ali deixar as suas marcas. Emprestamos da matéria a sua dureza para deixar nela as nossas marcas. Lembremos que os traços mais antigos da humanidade encontram-se sobre utensílios talhados na rocha ou em *riscos* no solo que resistem ao desgaste do tempo. Este modo de classificar a vida humana a partir do solo é, portanto, marcado pelas culturas vinculadas à terra. Na maior parte das vezes são culturas das *agriculturas*. O solo civilizado é um solo cultivado. Entre o espaço rural e o urbano, há um vínculo comum: para os seres humanos viver é viver a partir do solo. Esse pode ser considerado um ponto de vista a partir do qual o mundo é possível. O solo será como que a marca de nossa inscrição. Sem ele, não existe nem céu, nem horizonte, nem projeto. Sem solo, não há possibilidade de localização, não há história.⁶²

Portanto, esse era o desejo último desse esforço sobre-humano de famílias ao comprarem terras em lugares inóspitos. Buscavam um solo onde poderiam inscrever sua história e deixar

⁶² PIERRON, Jean Philippe. Op. Cit., p. 335.

suas marcas aos descendentes. O manejo da terra e a mutação da floresta em área produtiva e, posteriormente, em cidade é o registro permanente dessa passagem que seria passada aos descendentes. Mais do que sobrevivência, buscavam condições para a própria existência. Um percurso reproduzido a partir da experiência de seus antecedentes que saíram da Itália para o Brasil e que se renovava nas migrações posteriores que fixaram tantas famílias na microrregião de Aimorés e que, talvez, também permaneça subjacente até os dias atuais no contexto migratório brasileiro.

Até os anos de 1950, o Brasil era reconhecido como um país receptor de migrantes internacionais. “Em 1920, a imigração respondia por 5,11% da população residente no país, enquanto que, em 1980, essa participação reduziu-se expressivamente para 0,77%”.⁶³ Neste contexto de mudança de cenário, a microrregião de Governador Valadares - MG foi o ponto inicial da emigração de brasileiros para o exterior.⁶⁴ Através dos primeiros emigrantes a rede migratória foi se formando e consolidando ao longo da década de 1960 e 1970. Nos meados dos anos de 1980 ocorre o *boom* da emigração de brasileiros para o exterior, principalmente para os Estados Unidos. Este fluxo que tem início na cidade de Governador Valadares, se espalha por toda a região e atinge, nos dias atuais, vários Estados brasileiros.⁶⁵

⁶³ PATARRA, Neide L.; BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, Neide (org.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995. v. 1 p. 79-87. p. 80.

⁶⁴ A microrregião de Governador Valadares e a microrregião de Aimorés fazem parte da mesorregião do Vale do Rio Doce.

⁶⁵ SIQUEIRA, Sueli. Emigrants from Governador Valadares: Projects of Return and Investment. In: JOUET-PASTRÉ, Clemence and BRAGA, Leticia J. (Editors). *Becoming Brazuca*. Brazilian Immigration to United States. Cambridge - Massachusetts: Harvard University Press, 2008. p. 175-194. SIQUEIRA, Sueli. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno*. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

Atualmente, na microrregião de Aimorés, é possível perceber este fluxo de saída de pessoas para o exterior, o que não deixa de afetar os descendentes de italianos. Ao longo dos anos, com o fracionamento das terras devido à herança dividida entre os muitos filhos dos primeiros migrantes, a microrregião fica comprometida. Isto se dá porque a sobrevivência dos descendentes italianos, no caso das gerações mais novas, se torna cada vez mais difícil pois não há mais perspectiva de continuar tirando o sustento somente da terra. Essa circunstância atrelada à busca pela independência financeira e pela melhoria da qualidade de vida, dentro dos novos padrões de consumo da atual sociedade acaba gerando um cenário que desencadeia uma prática dos antepassados: a migração. Muitos dos descendentes, a partir do início da década de 1990, começaram a buscar o reconhecimento da cidadania italiana com o objetivo de emigrar. Muitos se instalam na mesma região dos avós (*nonos*) – norte da Itália.